



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



Evanildo Santos Cardoso
Orientador (a): Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida

Goiânia - GO
2012



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**VIVER ENTRE MARGENS:
A PERSISTÊNCIA NA PAISAGEM E NO LUGAR DOS BEIRADEIROS DO
RIO DE ONDAS - BARREIRAS -BAHIA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutor.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Práticas Culturais

Orientador (a): Maria Geralda de Almeida

Goiânia - GO
2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG mr**

C268v Cardoso, Evanildo Santos.
Viver entre margens [manuscrito]: a persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas – Barreiras – BA / Evanildo Santos Cardoso. – 2012.
254 f. : figs, tabs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás,
Instituto de Estudos Socio-Ambientais, 2012.
Bibliografia.

1. Geografia Cultural – Beiradeiros – Paisagem – Barreiras (BA). 2. Beiradeiros – Ondas, Rio de. – Barreiras (BA). I. Título.

CDU: 911.3(813.8)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Vicente da Silva
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Ronan Eustáquio Borges
Universidade Federal de Goiás

Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida
Orientadora - UFG
Resultado: Aprovado

Goiânia-GO

2012

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa aos homens e mulheres que vivem entre as margens do rio de Ondas e que estão representados por: Moacir, Dulce, José, Viriato, Mário Henrique, Marlene, Eudes, João, Márcia, Arnaldo, Margarida, Marcos, Leandro, Célia, Wágner, Milton, Reinaldo, Orlando, Augusta, Alice, Laís.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial, Flor de Liz, responsável por eu ter chegado até aqui. Obrigado, novamente, pelas rezas, mãe.

Aos meus queridos amigos: Paulo Baqueiro (Bora Baêa), Elane Fiúza Borges, Marcos Mondardo, Marcelo Latuf, Ricardo Reis, Janes Lavoratti, Valney Rigonato, Pablo Santos, Ínia Novaes, Antônio Lobo, Mário Henrique Pacheco, Mário Alberto Santos, por colaborarem e dividirem os momentos de elaboração desta Tese.

À direção do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal da Bahia, campus Barreiras, pelo apoio nas saídas para cursar disciplinas e participar de eventos da Pós-graduação na UFG.

À coordenação do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás pelas orientações e tratamento respeitoso.

Aos professores: Manoel Calaça, Eguimar Felício, Celene Cunha e Ronan Borges pela contribuição com a experiência geográfica e pelos momentos valiosos de discussão.

À professora Maria Geralda de Almeida pela orientação e oportunidade a mim dada em conhecer o mundo pela Geografia Cultural e pela preocupação e insistência em me incentivar na leitura e melhoria do texto. Para mim foi uma responsabilidade imensa ter sido seu orientando.

Ao amigo e professor Edson Vicente da Silva por ter acompanhado boa parte da minha vida acadêmica e me orientado a seguir outros caminhos fora do Ceará.

Aos amigos e colegas do mestrado e doutorado em Geografia da UFG: Lorrane Gomes, Avacir Santos, Fernanda Alexandre, Franciane Araújo, José Novais, Gilberto Celestino, Clarinda Silva pelo companheirismo e crescimento mútuo.

À bióloga Plicila Hellen Wanderley pela contribuição nos trabalhos de campo e, o mais fundamental, o carinho e o amor.

Aos meus alunos do curso de Geografia da Universidade Federal da Bahia, campus Barreiras, pelo incentivo na conclusão deste trabalho.

À EBDA que forneceu importantes informações e documentos a respeito dos financiamentos na agricultura das comunidades beiradeiras.

À Ignez Pitta de Almeida pelas obras referentes à história de Barreiras e por ser exemplo de perseverança na luta pelo patrimônio histórico da cidade.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	i
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	ii
LISTA DE QUADROS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
RÉSUMÉ	viii
APRESENTAÇÃO	1
PARTE I	8
A TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	8
CAPÍTULO 1	9
O MÉTODO, A ABORDAGEM E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	9
1.1. O mundo dos fenômenos e dos signos	9
1.2 As entrevistas	19
1.3. Apoio de órgãos públicos	24
1.4. O material gráfico e cartográfico	25
CAPÍTULO 2	27
CULTURA E A GEOGRAFIA CULTURAL RENOVADA	27
2.1 Cultura e a Geografia Cultural	27
2.2. A paisagem e o lugar na Geografia: uma abordagem histórica	38
CAPÍTULO 3	47
PAISAGEM E LUGAR: OLHARES MÚLTIPLOS EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS	47
3.1. As categorias de análise - paisagem e lugar	47
3.1.1 Paisagens e lugares ribeirinhos	55
PARTE II	63
BARREIRAS – BA: PAISAGENS E LUGARES EM TRANSFORMAÇÃO	63
CAPÍTULO 4	64
DINÂMICA E EVOLUÇÃO DA PAISAGEM NO MUNICÍPIO DE BARREIRAS	64
4.1. O Contexto Histórico do Município	64
4.1.1. 1º momento - O início do desenvolvimento econômico:	65
4.1.2 - 2º momento – O advento da “modernização”:	73
4.1.3 - 3º momento: A introdução da soja na cultura barreirense	76
CAPÍTULO 5	97
O BAIXO CURSO DO RIO DE ONDAS E AS COMUNIDADES BEIRADEIRAS: ENTRE A INOVAÇÃO E A TRADIÇÃO	97
5.1. A paisagem e o lugar ribeirinho das comunidades beiradeiras	97
5.2. Os conflitos pela/na terra, a organização comunitária e a identidade territorial	139
5.3. A visão cultural das águas: os saberes ambientais	187
PARTE III	197
PARA PENSAR NOVAS POSSIBILIDADES: SUBSÍDIOS AO DESENVOLVIMENTO RURAL LOCAL	197

CAPÍTULO 6	198
POTENCIALIDADES DA CULTURA BEIRADEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	198
6.1 Dinâmicas produtivas na agricultura	198
6.2 Dinâmicas produtivas do turismo e lazer.....	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
REFERÊNCIAS	227
APÊNDICES	243
ANEXOS.....	247

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

4º BEC – 4º Batalhão de Engenharia e Construção
ABAPA – Associação Baiana dos Produtores de Algodão
AIBA – Associação dos Irrigantes da Bahia
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco
DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra as Secas
EBDA – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EPABA – Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia
GPS – Global Posytion System
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGG – Instituto Histórico Geográfico de Goiás
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INGA – Instituto de Gestão da Água e do Clima
LEM – Luís Eduardo Magalhães
MDT – Modelo Digital do Terreno
MMA – Ministério do Meio Ambiente
PCHs – Pequenas Centrais Hidrelétricas
PIB – Produto Interno Bruto
PRODECER – Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFG – Universidade Federal de Goiás
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNESP – Universidade Estadual Paulista
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	p.
Figura 1 - Quadro de Paul Cézane 1890, pintor expressionista empenhado na síntese das formas.	39
Figura 2 - Natureza habitada de George Seraut 1884/1886, pintor impressionista pioneiro do movimento pontilhista.	40
Figura 3 - Mapa de localização do município de Barreiras, em destaque para a imagem do TM/Landsat-5, na composição colorida 3R4G5B.	69
Figura 4 - Porto do rio Grande e os barcos e carroças com mercadorias (início do séc. XX).	70
Figura 5 - Barcos transportando passageiros e mercadorias (início do séc. XX).	71
Figura 6 - Sobrevôo de aviões no aeroporto de Barreiras durante a 2ª Guerra Mundial (déc. de 1940).	72
Figura 7 - Cobertura do solo do município de Barreiras nos anos de 1984 e 2009.	78
Figura 8 - Gráfico da porcentagem da população urbana e rural do município de Barreiras.	81
Figura 9 - Pirâmide etária do município de Barreiras.	81
Figura 10 - Mapa de distribuição da população da Bahia.	82
Figura 11 - Mapa das principais atividades econômicas da Bahia.	83
Figura 12 - Mapa do sistema de transportes da Bahia.	84
Figura 13 - Mapa do sistema hidrográfico da Bahia.	85
Figura 14 - Gráfico da evolução da soja no oeste da Bahia 1992 a 2010.	86
Figura 15 - Gráfico da expansão da agricultura sobre o Cerrado no município de Luís Eduardo Magalhães (LEM – análise anual).	88
Figura 16 - Foto. A - Bahia Farmshow feira do agronegócio em Luís Eduardo Magalhães. B - Equipamento da John Deere para a agricultura de precisão.	90
Figura 17 - Foto da concessionária japonesa em Barreiras na BR 242.	91
Figura 18 - Foto da tropa de comerciantes que levavam mercadorias para Goiás.	99
Figura 19 - Foto de mercadorias no porto do rio Grande (décadas de 1920-1930).	100
Figura 20 - Foto do suposto local onde se originou o nome Barreiras.	102
Figura 21 - Foto da ponte sobre o rio de Ondas e estrada para as comunidades beiradeiras.	103
Figura 22 - Mapa de localização das comunidades Beiradeiras.	104
Figura 23 - Mapa de localização do baixo curso do rio de Ondas.	105

Figura 24 - Foto do conjunto fitofisionômico na paisagem ribeirinha do rio de Ondas.	106
Figura 25 - Foto das veredas que cortam as estradas. A - Vereda no Vau da Boa Esperança. B - Vereda na comunidade Tamanduá. C e D- Lavagem de roupas e trânsito de automóveis no Gentil.	107
Figura 26 - Foto da oficina de farinha na propriedade do Sr. Moacir Araújo na comunidade Vau da Boa Esperança.	108
Figura 27 - Esquema referente à situação imposta pela cultura urbana ao beiradeiro.	111
Figura 28 - Croqui pictórico dos símbolos da paisagem do rio de Ondas.	120
Figura 29 - Foto da placa indicativa da localidade Vau da Boa Esperança.	121
Figura 30 - Foto da escola Municipal Capitão Marcolino na comunidade Vau da Boa Esperança.	122
Figura 31 - Foto de peça do antigo engenho de cana.	124
Figura 32 - Foto da margem esquerda (comunidade de Gentil) com as ondas do rio.	128
Figura 33 - Foto da moradia do Sr. Arnaldo Soares.	130
Figura 34 - Foto das representações culturais na moradia do Sr. Arnaldo. A- forno a lenha. B-pilão. C- quintal e galinhas. D- retratos da família.	133
Figura 35 - Fotos. A - Balneário Três Bocas. B - Country Club. C - Balneário Três Bocas em dia movimentado. D- Passeio de bóia <i>cross</i> no rio de Ondas.	135
Figura 36 – Foto da moradia do Sr. Viriato Marques na Comunidade de Mucambinho	137
Figura 37 - Croqui ilustrativo do rio de Ondas, Barreiras 2010/2011.	146
Figura 38 - Mapa de níveis de alteração sociocultural da paisagem no baixo curso do rio de Ondas.	148
Figura 39 - Mapa da sub-bacia do rio de Ondas evidenciando um zoneamento do uso e ocupação.	152
Figura 40 - Mapa das sub-bacias do rio de Ondas, afluente do rio Grande.	153
Figura 41 - Imagem dos pivôs localizados no rio de Ondas, a 12 km das comunidades beiradeiras.	154
Figura 42 - Visão das chácaras a partir da comunidade Vau da Boa Esperança.	156
Figura 43 - Perfil esquemático da ocupação da paisagem às margens do rio de Ondas.	157
Figura 44 - Fotos: A - Centro de Abastecimento de Barreiras. B - box da farinha no Centro de Abastecimento de Barreiras.	158
Figura 45 - Foto de bar e quiosque. A - Bar na comunidade Boca dos Gerais. B - Quiosques às margens do rio de Ondas.	160

Figura 46 - Foto da evidência da ocupação imobiliária na margem esquerda do rio de Ondas.	164
Figura 47 - Modelo de Lundgren (1974) sobre a expansão urbana e as segundas residências.	166
Figura 48 - Foto do Sítio Flor de Liz na estrada que dá acesso às comunidades beiradeiras.	167
Figura 49- Foto da entrada da chácara do Sr. Eudes na comunidade Boca dos Gerais.	167
Figura 50 - Concepção de paisagem e lugar pelos beiradeiros e chacareiros.	171
Figura 51 - Foto da quadra de vôlei na chácara do Sr. Leandro (comunidade de Gentil).	174
Figura 52 - Foto da chácara do Sr. Leandro e objetos/símbolos encontrados na chácara.	176
Figura 53 - Foto do Caminho que dá acesso à chácara do Sr. Leandro.	178
Figura 54 - Foto de Churrasqueira na margem do rio de Ondas.	179
Figura 55 - Foto dos Chalés da Célia na comunidade Maia do Jatobá/Tamanduá.	181
Figura 56 - Tipologia representativa da paisagem pelos sujeitos do baixo curso do rio de Ondas, Barreiras/BA, 2011.	185
Figura 57 - Foto da área de banho de sol às margens do rio de Ondas.	186
Figura 58 - Foto do campo de Buritis na propriedade de Sr. Arnaldo Soares.	190
Figura 59 - Ocorrência de comunidades tradicionais por município no Oeste Baiano.	193
Figura 60 - Fotos demonstrando as etapas de preparação do beiju. A - Raspagem da mandioca. B - Preparo do forno. C - Preparo da massa. D - massa cozida no forno.	194
Figura 61 - Foto dos padrões arquitetônicos das moradias do Vau da Boa Esperança. A- Moradia do Sra. Marlene Pereira, B-Moradia da Sra. Margarida da Rocha, C- Moradia da Sra. Dulce Araújo, D - Moradia do Sr. José Pereira.	196
Figura 62 - Foto da raiz da mandioca como resultado do projeto desenvolvido na comunidade Vau da Boa Esperança.	199
Figura 63- Fotos. A - Roça de mandioca e o padrão adequado de parcelamento do solo. B - Variação genética da mandioca BRS Dourada e gema de ovo.	200
Figura 64 - Unidade de fecularia na comunidade Vau da Boa Esperança.	204
Figura 65 - Foto do box de vendas dos produtos da tapioca na 28 ^a . Expo Barreiras 2010.	205
Figura 66 - Foto de um tabuleiro de biscoitos no <i>stand</i> na 28 ^a . Expo Barreiras 2010.	206
Figura 67 - Fotos. A - Box 39 da tapiocaria rio de Ondas. B - Banner de divulgação da tapiocaria.	210
Figura 68 - Foto das feições naturais do rio de Ondas nas duas margens.	215

LISTA DE QUADROS

	p.	
Quadro 1	Fases principais da entrevista narrativa.	21
Quadro 2	Categoria e escola/paradigma de paisagem e de lugar.	44
Quadro 3	Classificação de disponibilidade de água com relação a vazão retirada, segundo <i>European Enviromental Agency</i> e a Organização das Nações Unidas. Barreiras, BA. 2009.	86
Quadro 4	Períodos de alteração sociocultural da paisagem do Oeste Baiano.	95
Quadro 5	Matéria prima utilizada para a fabricação de produtos pelas populações tradicionais.	192
Quadro 6	Tipologias de paisagens e propostas de gestão.	218
Quadro 7	Matriz de hierarquização das necessidades das comunidades beiradeiras.	220
Quadro 8	<i>Ranking</i> das necessidades das comunidades beiradeiras.	220

RESUMO

As comunidades tradicionais do baixo curso do rio de Ondas, município de Barreiras - BA apresentam formas de uso e ocupação diferenciadas das existentes nos platôs da Serra Geral onde se instalou uma agricultura de exportação. As categorias, paisagem e lugar desenvolvidas sob a luz da Geografia Cultural Renovada foram adotadas como elementos-chave para a compreensão da cultura ribeirinha e das manifestações existentes no confronto com outros atores: chacareiros e técnicos agrícolas. A paisagem, dessa forma, é (re) construída por esses sujeitos em meio ao confronto e pela afirmação da identidade cultural. Os sentimentos de pertencimento à terra estão expressos por narrativas feitas pelos mais velhos como portadores de uma cultura intrinsecamente voltada para as atividades agrícolas, pecuárias e no uso dos recursos naturais. Diante de toda valorização desse rio os beiradeiros têm passado por várias situações de conflito no uso e ocupação da terra cujo valor econômico da paisagem repercute na relação de pertencimento com seu lugar de origem. Nesse sentido, a busca da interpretação dos signos e os significados da paisagem e do lugar foi tarefa marcante e que deu o norte para descobrirmos diferentes linguagens do mesmo objeto: o rio de Ondas. Foram buscadas em Geertz (2008) e Boas (2006) entendimentos críticos em relação à cultura reificada, dentre outros antropólogos, Tuan (1980, 1983), Holzer (2001, 2003), e Claval (1999, 2011, 2004), o sentido de pertencimento ao lugar/meio/paisagem enquanto que Cosgrove (2000, 2004) e Duncan (2003, 2004) forneceram uma leitura política essencial para ultrapassarmos a visão estética das formas naturais. Almeida (2005, 2008) com a identidade sertaneja e estereótipos orientou-nos na definição de tipologias sobre os beiradeiros. O objetivo maior da pesquisa está representado pela necessidade em revelar outras práticas culturais que estão escondidas por detrás da imagem de uma região próspera mas que no fundo tem sido marcada profundamente pelo descaso do poder público em relação às necessidades básicas das populações tradicionais. Todavia, a identidade no rural construída por laços afetivos e comunitários é a força motivadora para os beiradeiros persistirem na paisagem e no lugar imprimindo um cenário particular de trabalho, luta e sobrevivência. Na pesquisa, procuramos discutir ainda temas alusivos ao papel dessas populações para a conservação da Biodiversidade do Cerrado por meio da cultura. Salientamos que essas comunidades beiradeiras possuem projetos de melhorias das atividades produtivas, faltando-lhes apoio efetivo do poder público. Nesse contexto, foi estabelecido um jogo de interesses políticos no entorno do rio de Ondas capaz de proporcionar uma dinâmica no complexo sistema valorativo do natural. A tese revela as estratégias das comunidades beiradeiras para persistirem na paisagem e no lugar por décadas e, assim, tornarem-se protagonistas do seu próprio destino. Para tanto, foram destacados projetos, reivindicações e conflitos cuja produção do material cartográfico evidencia cenários que apontam para uma necessidade do (re) conhecimento da cultura beiradeira como partícipes de uma história que perpassa por gerações.

Palavras-chave: paisagem, lugar, beiradeiro, rio de Ondas.

ABSTRACT

The traditional communities of the lower Ondas River course, municipality of Barreiras-BA present ways of utilization and occupation quite different from the ones found in the Serra Geral plateaus where an exportation agriculture was implanted. The categories, landscape and place developed under the spotlight of the Renewed Cultural Geography were adopted as key elements towards the comprehension of the riverine culture and the manifestations within the confrontation with other social characters: the land owners and the agricultural technicians. This way, the landscape is (re)built by these subjects in the middle of this confrontation and by the affirmation of their cultural identity. The feeling of belonging to the land can be noticed in the elderly people testimonies as they carry a kind of culture intrinsically related to the agricultural and cattle raising activities and also to the use of the natural resources. Facing all the increase of value related to this river, the riverine communities have gone through several situations of conflict in the use and occupation of the land. Where its landscape's economic value develops some influence in their relation of belonging to their place of origin. In this sense, the search of interpretation of the signs and the meaning of the landscape and the place was a remarkable task which has given us the north in way to discover the variety of languages related to the same object: the Ondas River. A critical understanding in relation to the reified culture were taken from Geertz (2008) and Boas (2006), among other anthropologists, Tuan (1980, 1983), Holzer (2001, 2003), and Claval (1999, 2011, 2004), provided the sense of belonging to the place/environment/landscape, while Cosgrove (2000, 2004) and Duncan (2003; 2004) established an essential political perspective for us to go beyond the aesthetical view of the natural shapes. Almeida (2005, 2008) with the countryside identity and the stereotypes guided us towards the definition of typologies about the riverine inhabitants. The major goal of the research is given by the necessity of revealing other cultural practices that are hidden behind the image of a thriving region which after all has been profoundly marked by the negligence of the public power in relation to the basic necessities of the traditional populations. Anyways, the countryside identity built by affective and communal bonds is the motivating strength to the riverine communities to persist in the landscape and the place producing a particular scenario of work, struggling and survival. In the research, we also aimed to discuss complementary themes to the role of these populations towards the conservation of the Cerrado's biodiversity through culture. We evince that these riverine communities have projects of enhancing their productive activities, which lack an effective support from the public power. In this context, it was established a game of political interests surrounding the Ondas River capable of producing a dynamic issue within the complex valuing system of the natural. The thesis reveals the strategies of the riverine communities to persist in the landscape and the place for decades and, this way, becoming the main characters of their own destiny. In this purpose, projects, assertions and conflicts were spotlighted, of which cartographic material production shows us scenarios that indicate the necessity of knowing and recognizing the riverine culture as a part of the history that has been going on for several generations.

Keywords: landscape, place, riverine communities, Ondas River.

RÉSUMÉ

Les communautés traditionnelles du bas cours de la Rivière Ondas en Barreiras- BA présentent façons d'usage et d'occupation différentes des existées dans les plateaux de la Serra Geral où s'est installée une agriculture d'exportation. Les catégories de paysage et de lieu développées sur la lumière de la Géographie Culturelle Rénovée, a été adoptées comme éléments clés pour la compréhension de la culture riveraine et des manifestations qu'il y a dans la confrontation avec les propriétés foncières et techniciens agricole. Le paysage, de cette façon, est (re)construit pour ces sujets au milieu de confrontation et affirmation de l'identité culurelle. Les sentiments d'appartenance à la terre sont exprimés par récits faites pour les personnes âgées qui portent une culture intrinsèquement liée à l'agriculture, aux activités de l'élevage et à l'utilisation des ressources naturelles. Face à l'augmentation de valeur de cette rivière, les communautés riveraines sont passés par plusieurs situations de conflit dans l'utilisation et l'occupation de la terre dont la valeur économique de la paysage reflète dans la rélation d'appartenance à leur lieu d'origine. De cette façon, la recherche de l'interprétation des signes et le sens du paysage et du lieu a été une tâche marquante et qui nous a donné direction pour la découverte de différentes langages liées au même objet: la Revière Ondas. La compréhension critique par rapport à la culture reifiée a été retiré de Geertz (2008) et Boas (2006), parmi d'autres anthropologues, Tuan (1980, 1983), Holzer (2001, 2003), et Claval (1999, 2011, 2004), le sens d'appartenance au lieu/ milieu/ paysage tandis que Cosgrove (2000, 2004) et Duncan (2003, 2004) ont fourni une lecture politique essentielle afin que nous puissions dépasser la vision esthétique des moyens naturels. Almeida (2005, 2008), avec l'identité sertaneja et stéréotypes, nous a orienté dans la définition de tipologies sur les communautés riveraines. L'objectif majeur de cette recherche est représenté par la nécessité de révéler d'autres pratiques culturelles qui sont cachées derrière l'image d'une région prospère, pourtant a été marquée par la négligence de la puissance publique en relation les nécessités essentielles des populations traditionnelles. Cependant, l'identité dans la campagne construite avec les liens affectifs et communales est la force motivante pour que les communautés riveraines persistente dans le payasage et dans le lieu en produisant un scénario particulier de travail, lutte et survie ; Dans la recherche, nous avons encore eu l'objectif de discuter thèmes sur le rôle de ces populations devant la conservation de la biodiversité du Cerrado à travers la culture. Nous soulignos que dans ces communautés il y a des projets d'amélioration des activités productives, en manquant soutien effectif du pouvoir publique. De ce contexte, un jeu d'intérêt politique a été fixé aux environs du Rivière Ondas, capable de proposer une dynamique dans le complexe système de valeur du naturel. La thèse révèle les stratégies des communautés riveraines à persister dans le paysage et dans lieu depuis décennies et, ainsi, devenir protagonistes de leur propre destin. À cette fin, on a mis en évidence les projets, réclamations et conflit dont la production des documents cartographiques montre des scénarios qui indiquent une besoin de (re) connaissance de la culture riveraine comme membre d'une histoire qui dure depuis plusieurs générations

Mots-clés: paysage, lieu, communautés riveraines, Rivière Ondas.

APRESENTAÇÃO

A Geografia Cultural Renovada tem, nos últimos trinta anos, revelado outros olhares, reflexões e especialmente problematizações a respeito do espaço com a percepção crítica e humanista das paisagens, dos lugares e dos territórios. Por isso, essa pesquisa desenvolvida em comunidades ribeirinhas, ou melhor, em comunidades beiradeiras¹ no baixo curso do rio de Ondas - Barreiras - BA, possui uma abordagem geográfica da cultura na contemporaneidade. Abordamos a concepção de paisagem e o lugar pelas populações tradicionais ribeirinhas e quando a essas nos referirmos utilizaremos a denominação “beiradeiros”, pois assim se autodenominam.

O Tema Viver entre margens: A Persistência na Paisagem e no Lugar dos beiradeiros do rio de Ondas - Barreiras - Bahia se insere em uma perspectiva de análise cultural das manifestações socioespaciais atribuídas às comunidades ribeirinhas do Oeste Baiano que persistem diante de novas oportunidades de trabalho e de consumo das paisagens e dos lugares ribeirinhos. Essa inquietação geográfica possui como causa o tratamento frio e desinteressado destinado às comunidades tradicionais pelo conjunto da sociedade baiana e barreirense. Essa situação é fruto ainda de um desconhecimento sobre o papel delas para a cultura, meio ambiente e para o desenvolvimento social no Cerrado.

Anteriormente ao ingresso no Curso de Pós-graduação em Geografia da UFG conhecemos de forma superficial essas comunidades beiradeiras, retornando a elas após definirmos que ali teríamos uma história para contar, uma cultura a desvendar, visto que pouco conteúdo e praticamente nenhuma publicação existia sobre essas comunidades.

Dessa forma, passamos a reunir material bibliográfico e a participar de eventos científicos. A presença nesses eventos foi de vital importância para o desenvolvimento da pesquisa ao fornecerem novos caminhos metodológicos para se estudar a cultura que, para nós, se desenrolava em uma complexa teia de significados.

Com as mudanças na valorização da paisagem, foi possível investigar na cultura local particularidades que dificilmente são percebidas pela aparência das formas na

¹ Expressão que ARAÚJO (1961, p. 9) também utilizou quando investigou as populações do baixo curso do Rio São Francisco: “beiradeiro é o vocábulo usado para nomear o morador ribeirinho do baixo São Francisco. Este é o seu sentido regional, envolve, porém, em parte, aquele já dicionarizado (Laudelino Freire) de morador rústico nas proximidades das vilas sertanejas”. Em nosso estudo foi constatado que os moradores se identificam também com esse termo no baixo curso do rio de Ondas mais pelo sentido de conviver com o rio, trabalhar na roça e com o gado, uma cultura própria do que em relação ao estereótipo que demarcam diferenças com os habitantes da cidade cuja concepção ainda presente são os beiradeiros, iletrados e preguiçosos.

natureza. Inicialmente essa preocupação foi fundamental para, no interior da pesquisa, questionarmos: Até que ponto o lugar e a paisagem fornecem elementos geográficos para estudar a cultura? Quais estratégias são construídas para permanecerem no lugar de origem? É possível ainda encontrar em meio ao domínio tecnológico no campo modos de vida diferenciados da cidade?

A partir das indagações defendemos a tese de que as comunidades beiradeiras persistem na paisagem e no lugar fundadas por laços familiares, pela vizinhança, encontros e desencontros e na sobrevivência, como forças potenciais de fortalecimento da cultura no rural. Formulamos a seguinte hipótese:

- ✓ As comunidades beiradeiras persistem na paisagem e no lugar e assumem uma forma particular de viver em sociedade articulando suas forças produtivas e familiares diante de um contexto socioeconômico pautado na lógica de mercado que, aos poucos, imprime modificações em sua forma de viver tradicional.

No desenrolar da pesquisa conhecemos essa realidade que se “esconde” no interior de um cenário capitalista, especulativo e predatório sobre o Cerrado Baiano. Encontramos, na construção da tese, apoio na Antropologia e na Geografia Cultural Renovada que municiaram a pesquisa com outros olhares mais críticos sobre o papel dos homens na elaboração de paisagens e lugares.

Esta pesquisa está dividida em três partes que se complementam por apresentarem as comunidades beiradeiras principalmente a partir de um olhar geográfico da cultura. A parte I aborda a trajetória teórico-metodológica na qual a cultura é discutida por várias correntes de pensamento no interior das ciências sociais. Por isso apresentamos, no primeiro capítulo, a abordagem metodológica que nos orientou a caminhar em busca de um (re)conhecimento de práticas culturais diferenciadas de outras particularidades próprias de regiões do agronegócio.

No interior da discussão de Santaella (2004) e Palleiro (2008) consideramos a semiótica e a semiologia, com signos e significados, conceitos nos quais os elementos presentes na paisagem e no lugar são repletos de significação e de representação segundo a intencionalidade, o envolvimento e a ideologia de um grupo social.

Aliado a essa busca pela compreensão dos signos foram leituras importantes para ultrapassarmos a aparência das formas, Merleau-Ponty (1999) e Gadamer (2008), com a percepção e a fenomenologia do mundo. Essas leituras dos filósofos nos fizeram entender que a subjetividade deve ser entendida como sustentáculo de mensagens,

linguagens, conhecimentos e saberes cuja visão mecanicista da ciência obscurece outros valores culturais.

A persistência na paisagem e no lugar dos beiradeiros do rio de Ondas que apresentamos é caracterizada eminentemente pela união e pertencimento à terra diante de novas formas de valorização da paisagem com a expansão de chácaras, exploração de minérios e de energia hidrelétrica. Os geógrafos Cosgrove (2004), Cosgrove e Jackson (2003), Duncan (2003, 2004) e a antropologia interpretativa de Geertz (1989, 2008) guiaram-nos com leituras esclarecedoras sobre o papel do pesquisador diante da paisagem e do espaço quando esse se propõe a estudar a cultura.

Para chegarmos a essas e outras conclusões aplicamos entrevistas semi-estruturadas e a partir da interpretação dessas narrativas construímos tipologias de paisagens: a paisagem afetiva dos beiradeiros, a paisagem contemplativa, dos chacareiros e a paisagem produtiva dos técnicos agrícolas. Constatamos que o mesmo fenômeno pode se desenvolver por uma multiplicidade de caminhos como entendiam os antropólogos Boas (2006) e Geertz (1989;2008).

O material cartográfico produzido possui como objetivo evidenciar as formas de uso e ocupação nas duas margens do rio de Ondas que foram construídas em temporalidades diferentes. O lazer e o trabalho, o apego e o contemplativo, o trabalho e a diversão, são pares dialéticos e complementares expressos nos croquis e mapas como cenários estabelecidos pelos sujeitos que vivem diferentes relações no/com o rio de Ondas.

Com textos lúcidos e preocupantes sobre meio ambiente, economia e ecologia, Leff (2000;2001;2006) esclareceu-nos sobre a necessidade da interdisciplinaridade ambiental sob novos paradigmas da ciência. Corrêa (1995;2001;2004) provocou-nos com apontamentos e críticas a uma Geografia cartesiana para uma Geografia Cultural ativa e reformulada neste século XXI.

No segundo capítulo, optamos por desenvolver uma leitura inicial pelo olhar da antropologia visto que é uma ciência essencialmente voltada para o estudo do homem e da formação das sociedades. Essa leitura dos estudos antropológicos nos permitiu compreender como a cultura é classificada pelos pesquisadores e construída a partir de uma visão evolucionista ou interpretativa dos símbolos. Como o homem é o sujeito de sua história, ele imprime nas paisagens e nos lugares sua cultura interpretada por diferentes correntes ideológicas.

Por isso, fizemos uso principalmente dos estudos de Boas (2006), Geertz (1989; 2008), Malinowski (1986), Diegues (1993), Ribeiro D. (1998) e Velho (1986). Esses teóricos deixaram valiosos estudos sobre o conceito de cultura, tanto do ponto de vista da psicologia e genética quanto da herança cultural e, sobretudo, das relações de conflito entre os homens no processo de formação e de desenvolvimento da sociedade.

No tocante à Geografia Cultural, Claval (2001;2003;2004) foi fundamental devido militar especialmente nos últimos quarenta anos sob o enfoque nos homens e o seu meio. Seus textos relativos ao universo da pesquisa cultural e a densa leitura e orientação sobre estudos dos grupos culturais foram relevantes para o esclarecimento de uma cultura diversificada e dinâmica entre variados povos.

A abordagem fenomenológica da pesquisa foi buscada em Tuan (1983) e Buttimer (1985) com conceitos que evidenciam a necessidade da relação sujeito e sua percepção de espaço. O primeiro aborda a topofilia e topofobia que se enquadra na perspectiva da experiência do indivíduo a determinados lugares. A casa é o referencial e o elo entre o homem e seu ambiente, fundamental para atribuímos essa condição aos beiradeiros do rio de Ondas. A segunda orienta que as pesquisas sobre o espaço vivido devem investigar os indivíduos mais como sujeitos menos como objetos da pesquisa.

No tocante a uma Geografia crítica dos padrões lineares da cultura Cosgrove (2000, 2004) e sua paisagem social e Duncan (2003;2004), com a metodologia referente aos sistemas de significação foram fundamentais ao construir uma relação paisagem e texto. Esse considerado como um documento político e social a ser lido e interpretado. Os geógrafos renovaram a Geografia Humanista e Cultural a partir de uma análise política, crítica e sofisticada da paisagem.

Em Holzer (2001, 2003, 2006), quando analisou paisagem e lugar como conceitos indistintos, seus estudos contribuíram para entendermos como esses entrelaçamentos das duas categorias formam pares indissociáveis na análise da cultura ribeirinha. Berque (2004) sobre paisagem marca e paisagem matriz demonstrou que determinadas paisagens são expressões de uma comunidade e que elas protagonizam um cenário humanamente reconhecível. Com Luchiari (2001) o tratamento histórico sobre o desenvolvimento dos estudos da paisagem contribuiu para compreendermos que os sentidos sobre essa categoria modificaram-se em diversos momentos de construção da Geografia.

Nessa orientação formulamos o terceiro capítulo ao discutirmos as categorias de análise paisagem e lugar e suas múltiplas formas de compreender o espaço vivido.

Exemplos que encontramos em Almeida (2008b) quando em seus textos nos apresentou discussões alusivas aos sujeitos excluídos e a identidade sertaneja no Cerrado brasileiro. Nessas leituras, os elementos apontados são esclarecedores sobre a situação sociocultural de outras comunidades tradicionais. Assim como os trabalhos de Santos R. (2008), Sousa Sobrinho (2006) e Chiapetti (2009) ao se referirem às comunidades ribeirinhas do rio São Francisco e rio de Contas, na Bahia, e seus problemas de ordem sociocultural.

Destacaram-se ainda os trabalhos de Ribeiro M. (2010) quando estudou o espaço ribeirinho nas comunidades do rio Madeiras, Cruz (2006), sobre o território e identidade junto às comunidades do rio Tocantins e Torres (2008) no que diz respeito aos conflitos no oeste paraense.

A parte II, diz respeito à dinâmica e evolução da paisagem do município de Barreiras a partir de sua emancipação e a situação das comunidades beiradeiras no baixo curso do rio de Ondas. No quarto capítulo focalizamos uma história marcada profundamente pelas trocas comerciais com a influência direta do comércio fluvial. As narrativas dos mais velhos nos proporcionaram resgatar o passado da comunidade que sempre manteve uma estreita interação com a cidade de Barreiras. A partir desse contato, procuramos conhecer melhor a história da formação do município de Barreiras para construirmos um elo entre as comunidades tradicionais e o comércio da cidade.

Para entendermos os processos decorrentes de uma mudança socioespacial nessas relações foram importantes os trabalhos de Santana (2008) na análise de políticas de Estado na região, Santos C. (2000) com os Impactos da Modernização da Agricultura no Oeste Baiano, Dall'acqua (2007) sobre o Planejamento Territorial do Desenvolvimento na Região de Barreiras e Alves (2006) com um estudo da Mobilização e Modernização Agrícola nos Cerrados Piauienses. Todos eles dão enfoques especiais ao município de Barreiras e ao seu desenvolvimento socioeconômico.

Santos e Almeida (2004), em monografia que trata da manutenção das matas ciliares do rio de Ondas, Soares Neto (2005) e Soares Neto *et. al.* (2010) e a Avaliação Geoambiental da Bacia Hidrográfica do rio de Ondas e Moraes L. (2003), com o Diagnóstico de Uso e Ocupação dessa mesma bacia, contribuíram para o entendimento complexo da questão socioambiental no município de Barreiras, tendo como base a unidade de paisagem Bacia Hidrográfica.

Nesse resgate, concluímos que a paisagem da cidade de Barreiras é resultante de ciclos econômicos cuja valorização dos recursos naturais repercutiu no desenvolvimento do município e na sua liderança política e econômica. No entanto, essa liderança, não foi capaz de proporcionar efeitos benéficos à qualidade de vida da maioria da população barreirense.

Com esse entendimento, o local, assim como entende Santos e Silveira (2008), é chamado para participar do mercado econômico global mediante trocas comerciais desiguais de produção que usurpam os recursos naturais e contribuem para o aumento da desigualdade entre ricos e pobres. Essa realidade é característica principalmente em cidades do agronegócio (ELIAS; PEQUENO, 2006) onde as condições sociais da população são lastimáveis frutos de uma concentração de renda cada vez maior e pela permanência de uma política excludente das populações tradicionais.

Para a definição do quinto capítulo compreendemos que seria necessário um estudo sobre cultura tradicional para aproximarmos da cultura ribeirinha. Identificamos em Herculani (2009) e Cândido (2001), determinadas situações nas quais o caipira em São Paulo foi e ainda é o sujeito dotado de um modo de vida diferenciado quanto à sua cultura diante da vida urbana. Com essas referências achamos salutar a característica cultural elencada pelos dois autores para justificarmos uma cultura ímpar do beiradeiro dentre às inovações proporcionadas pelo meio urbano e tecnologia nesse início de século.

Retornamos às leituras antropológicas de Geertz (1989, 2008) e Ribeiro D. (1998), o primeiro responsável por criticar o modelo *consensus gentius* no qual a cultura determina a vida dos grupos culturais. O segundo, por fornecer uma leitura fortemente marcada pela descrição antropológico-geográfica do povo brasileiro, em especial, do sertanejo. Com Duncan (2003, 2004) e Cosgrove (2003), novamente, a percepção de uma paisagem política no baixo curso do rio de Ondas, envolta de conflitos, foi esclarecedora para ultrapassarmos a visão tradicional do positivismo científico.

Com temas alusivos à fronteira Almeida M. (2005) nos apresentou uma problemática relativa ao conflito no norte goiano assim como Mondardo (2009) ao estudar os descendentes de poloneses e alemães no Paraná. Em Martins (2009) sua discussão referente a conceitos de fronteira e conflitos facilitou o entendimento das relações entre beiradeiros, chacareiros e técnicos como sujeitos que possuem interesses contraditórios pela/na paisagem. Outros autores como Rigonato(2005), Costa, C. L.

(1998) e Saraiva (2006) a maioria geógrafos, que realizaram pesquisas diversas no Cerrado mineiro, goiano e baiano contribuíram com outras situações similares.

Todas as leituras colaboraram para que as teses, dissertações e teorias a respeito dos temas conectados à pesquisa fortalecessem nossas concepções a partir de outros estudos de caso. Foram também essenciais a participação em eventos na cidade de Barreiras alusivos ao aniversário da cidade, à semana do meio ambiente, aos seminários do Cerrado, bem como na visita às bibliotecas municipais para a pesquisa documental sobre os fatos históricos. As publicações dos escritores e historiadores locais foram fundamentais para a formulação dos períodos que definimos como referências para a pesquisa a partir da emancipação do município em 1891.

Na parte III, compreendemos a necessidade de se pensar em novas possibilidades de desenvolvimento em atividades produtivas nas comunidades beiradeiras. No entanto, essas propostas discutidas no sexto capítulo, devem ser concebidas e compartilhadas a partir da visão dos beiradeiros como protagonistas de seu destino. Os trabalhos de Moreira (2005, 2006), Carneiro (2002) e Wanderley (2010) em se tratando das mudanças no modo de vida rural, contribuíram para visualizarmos como os beiradeiros se articulam diante das transformações no campo.

Conduzimos a pesquisa com o sentido em evidenciar comunidades tradicionais que vivem secularmente às margens do rio de Ondas sobrevivendo por meio do trabalho, fé, solidariedade e esperança, diante de um quadro crítico de degradação da paisagem natural do Cerrado Baiano e da valorização econômica de terras e das águas.

A Tese foi municiada de argumentos antropológicos e na interrelação com as categorias geográficas, paisagem e lugar, responsáveis por abrir janelas para se entender a (re) construção da vida beiradeira. As comunidades se organizam política e economicamente e seus conhecimentos sobre a natureza formam uma cultura coesa devido aos laços familiares, porém, construída por adaptações, necessidades básicas essenciais e conflitos.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada, visa revelar esses conhecimentos e saberes de parte das comunidades que vivem no baixo curso do rio de Ondas e que contribuem sobremaneira para a sustentabilidade ambiental, ecológica e econômica no município de Barreiras.